



ISABEL ALLENDE

nasceu em 1942, no Peru.

Viveu no Chile entre 1945 e 1975, com largos períodos de residência noutros locais, na Venezuela até 1988 e, desde então, na Califórnia.

Começou por trabalhar como jornalista, no Chile e na Venezuela. Em 1982, o seu primeiro romance, *A casa dos espíritos*, converteu-se num dos títulos míticos da literatura latino-americana. Seguiram-se muitos outros, todos eles êxitos internacionais. A sua obra está traduzida em trinta e cinco línguas.

Em 2010, foi galardoada com o Prémio Nacional de Literatura do Chile.

O BOSQUE DOS PIGMEUS

ISABEL ALLENDE

O BOSQUE DOS PIGMEUS

Tradução de Maria Helena Pitta





A cópia ilegal viola os direitos dos autores.
Os prejudicados somos todos nós.



Título original: *El Bosque de los Pigmeos*

Autor: Isabel Allende

© Isabel Allende, 2004

© Porto Editora, 2016

Todos os direitos de publicação desta obra detidos por
Porto Editora

Divisão Editorial Literária — Porto

Email: delporto@portoeditora.pt

Imagem da capa: © Ana Juan, 2011

Esta edição segue a grafia do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Execução gráfica: Bloco Gráfico, Lda.
Unidade Industrial da Maia

1.ª edição: julho de 2016
Depósito legal n.º 410794/16
ISBN: 978-972-0-77528-3

ÍNDICE

1. A adivinha do mercado.....	11
2. Safari em elefante	27
3. O missionário	43
4. Incomunicáveis na selva.....	55
5. O bosque enfeitado	69
6. Os pigmeus	87
7. Prisioneiros de Kosongo.....	101
8. O amuleto sagrado	117
9. Os caçadores	135
10. A aldeia dos antepassados	147
11. Encontro com os espíritos	157
12. O reino do terror,.....	169
13. David e Golias	185
14. A última noite	199
15. O monstro de três cabeças	215
<i>Epílogo</i>	227

*Ao Irmão Fernando de la Fuente,
missionário em África,
cujo espírito vive nesta história*

CAPÍTULO 1

A adivinha do mercado

A uma ordem do guia, Michael Mushaha, a caravana de elefantes parou. Começava o calor sufocante do meio-dia, quando os animais da vasta reserva natural descansavam. A vida parava por algumas horas, a terra africana transformava-se num inferno de lava ardente e até as hienas e os abutres procuravam a sombra. Alexander Cold e Nadia Santos montavam um macho caprichoso chamado *Kobi*. O animal afeiçoara-se a Nadia porque, durante aqueles dias, ela se esforçara por aprender as bases da língua dos elefantes e por comunicar com ele. Nos longos passeios que faziam, falava-lhe do seu país, o Brasil, uma terra longínqua onde não havia animais tão grandes como ele, exceto umas antigas criaturas fabulosas escondidas no coração impenetrável das montanhas da América. *Kobi* apreciava Nadia tanto quanto detestava Alexander e não perdia uma oportunidade de demonstrar esses sentimentos.

As cinco toneladas de músculos e gordura de *Kobi* detiveram-se num pequeno oásis, sob umas árvores cobertas de pó alimentadas por um charco de água que parecia chá com leite. Alexander tinha desenvolvido um método próprio para se atirar ao chão de três metros de altura sem se magoar muito porque, nos cinco dias de safari, ainda não conseguira a colaboração do animal. Não se deu conta de que *Kobi* se tinha colocado de tal maneira que, ao cair, o fez aterrar no charco,

afundando-se até aos joelhos. *Borobá*, o macaquinho preto de Nadia, saltou-lhe para cima. Ao tentar livrar-se do macaco, perdeu o equilíbrio e caiu sentado. Praguejou entre dentes, sacudiu *Borobá* e pôs-se de pé com dificuldade, sem ver nada, porque os seus óculos pingavam água suja. Procurava um pedaço limpo da camisa para os limpar quando recebeu uma trombada nas costas, que o deitou de bruços. *Kobi* esperou que ele se levantasse para dar meia-volta, colocar o seu traseiro monumental em posição e soltar depois uma estrondosa ventosidade diante da cara do rapaz. Um coro de gargalhadas dos outros membros da expedição festejou a graça.

Nadia não tinha pressa de descer, preferiu esperar que *Kobi* a ajudasse a chegar a terra firme com dignidade. Pisou o joelho que ele lhe ofereceu, apoiou-se na tromba e chegou ao chão com a leveza de uma bailarina. O elefante não tinha estas considerações por mais ninguém, nem sequer por Michael Mushaha, por quem sentia respeito, mas não afeto. Era um animal com princípios claros. Uma coisa era passear turistas em cima do lombo, um trabalho como qualquer outro, pelo qual era remunerado com excelente comida e banhos de lama, e outra, muito diferente, era fazer habilidades de circo por um punhado de amendoins. Gostava de amendoins, não podia negá-lo, mas dava-lhe mais prazer atormentar pessoas como Alexander. Por que embirrava com ele? Não tinha a certeza, era uma questão de pele. Aborrecia-o que estivesse sempre perto de Nadia. Havia treze animais na manada, mas ele tinha de montar com a rapariga; era muito pouco delicado da sua parte intrometer-se dessa forma entre Nadia e ele. Não se dava conta de que eles precisavam de privacidade para conversar? Uma boa trombada e um pouco de vento fétido de vez em quando era o mínimo que aquele tipo merecia. *Kobi* lançou um longo sopro quando Nadia pisou terra firme e lhe agradeceu, pespegando-lhe um beijo na

tromba. Aquela rapariga tinha boas maneiras, nunca o humilhava oferecendo-lhe amendoins.

— Aquele elefante está apaixonado por Nadia — troçou Kate Cold.

Não agradava a *Borobá* o cariz da relação de *Kobi* com a sua dona. Observava-os bastante preocupado. O interesse de Nadia por aprender a língua dos paquidermes podia ter consequências perigosas para ele. Não estaria a pensar trocar de mascote? Talvez tivesse chegado a hora de se fingir doente para recuperar na totalidade a atenção da dona, mas receava que ela o deixasse no acampamento fazendo-o perder os passeios magníficos pela reserva. Esta era a sua única oportunidade de ver os animais selvagens e, por outro lado, não convinha afastar os olhos do seu rival. Instalou-se no ombro de Nadia, deixando bem claros os seus direitos e, daí, ameaçou o elefante com um punho.

— E este macaco está ciumento — acrescentou Kate.

A velha escritora estava habituada às mudanças de humor de *Borobá*, porque partilhava com ele o mesmo teto há quase dois anos. Era como ter um homenzinho peludo no seu apartamento. Foi assim desde o princípio porque Nadia só aceitou ir para Nova Iorque estudar e viver com ela se levasse *Borobá*. Nunca se separavam. Estavam tão agarrados que conseguiram uma licença especial para que pudesse ir à escola com ela. Era o único macaco na história do sistema educativo da cidade que frequentava as aulas regularmente. Kate não se admiraria que ele soubesse ler. Tinha pesadelos nos quais *Borobá*, sentado no sofá, de óculos e um copo de *brandy* na mão, lia a secção económica do jornal.

Kate observou o estranho trio formado por Alexander, Nadia e *Borobá*. O macaco, que tinha ciúmes de qualquer criatura que se aproximasse da dona, começou por aceitar Alexander como um mal inevitável e, com o tempo, afeiçoou-se

a ele. Talvez se tenha dado conta de que, neste caso, não lhe convinha colocar a Nadia o ultimato de «ou ele ou eu», como costumava fazer. Quem sabe qual dos dois ela teria escolhido... Kate pensou que os dois jovens tinham mudado muito nesse ano. Nadia faria quinze anos e o neto dezoito. Já tinham a aparência e a seriedade de adultos.

Nadia e Alexander também tinham consciência dessas mudanças. Durante as separações obrigatórias, correspondiam-se com uma tenacidade demencial por correio eletrônico. Passavam a vida a martelar as teclas do computador num diálogo interminável, partilhando desde os pormenores mais entediantes das suas rotinas até às angústias filosóficas próprias da adolescência. Trocavam fotografias com frequência, mas isso não os preparou para a surpresa que tiveram ao ver-se cara a cara e verificar como tinham crescido. Alexander deu um pulo enorme e atingiu a altura do pai. As suas feições definiram-se e, nos últimos meses, tinha de se barbear diariamente. Por outro lado, Nadia já não era a menina mirrada com penas de papagaio enfiadas na orelha que ele conhecera no Amazonas há alguns anos; agora podia adivinhar-se a mulher que seria dentro de pouco tempo.

A avó e os dois jovens estavam no coração de África, no primeiro safari em elefante efetuado para turistas. A ideia partiu de Michael Mushaha, um naturalista africano licenciado em Londres, que achou ser essa a melhor aproximação à fauna selvagem. Os elefantes africanos não se domesticavam facilmente, como os da Índia e de outros lugares do mundo, mas, com paciência e prudência, Michael conseguira-o. No folheto publicitário explicava-o em poucas frases: «Os elefantes fazem parte do meio e a sua presença não afasta os outros animais; não precisam de gasolina nem de estradas, não contaminam o ar, não chamam a atenção.»

Quando Kate Cold foi contratada para escrever um artigo a esse respeito, Alexander e Nadia estavam com ela em Tunkhala, a capital do Reino do Dragão de Ouro. Tinham sido convidados pelo rei Dil Bahadur e pela mulher, Pema, para conhecerem o seu primeiro filho e assistirem à inauguração da nova estátua do dragão. A original, destruída numa explosão, foi substituída por outra idêntica, fabricada por um joalheiro amigo de Kate.

Pela primeira vez, o povo daquele reino dos Himalaias tinha a oportunidade de ver o misterioso objeto da lenda, só acessível anteriormente ao monarca coroado. Dil Bahadur decidiu expor a estátua de ouro e pedras preciosas numa sala do palácio real, por onde as pessoas desfilaram para a admirar e depositar as suas oferendas de flores e incenso. Era um espetáculo magnífico. O dragão, colocado sobre uma base de madeira policromática, brilhava à luz de cem lâmpadas. Quatro soldados, vestidos com os antigos uniformes de gala, com os seus chapéus de pele e penachos de penas, montavam guarda com lanças decorativas. Dil Bahadur não permitiu que se ofendesse o povo com uma desnecessária exibição de medidas de segurança.

Acabara de terminar a cerimónia oficial de inauguração da estátua quando avisaram Kate Cold de que tinha um telefonema dos Estados Unidos. O sistema telefónico do país era antiquado e as comunicações internacionais eram uma confusão, mas, depois de muito gritar e repetir, o editor da revista *International Geographic* conseguiu que a escritora compreendesse a natureza do seu próximo trabalho. Tinha de partir imediatamente para África.

— Terei de levar o meu neto e a sua amiga Nadia, que estão aqui comigo — explicou ela.

— A revista não paga esses gastos, Kate! — replicou o editor, a uma distância sideral.

— Nesse caso não vou! — guinchou ela por resposta.

E foi assim que, alguns dias mais tarde, chegou a África com os dois jovens e aí se juntou aos dois fotógrafos que trabalhavam sempre com ela: o inglês Timothy Bruce e o latino-americano Joel González. A escritora tinha prometido não voltar a viajar com o neto e com Nadia, que lhe tinham feito passar por muitos sustos nas duas viagens anteriores, mas pensou que um passeio turístico a África não representava qualquer perigo.

Um empregado de Michael Mushaha recebeu os membros da expedição quando aterraram na capital do Quênia. Deu-lhes as boas-vindas e levou-os ao hotel para descansarem, porque a viagem tinha sido extenuante: apanharam quatro aviões, atravessaram três continentes e voaram milhares de milhas. No dia seguinte levantaram-se cedo e foram dar uma volta pela cidade, visitar um museu e o mercado, antes de embarcarem na avioneta que os levaria ao safari.

O mercado ficava num bairro popular rodeado por uma vegetação luxuriante. As ruelas por pavimentar estavam repletas de gente e de veículos: motas com três e quatro pessoas em cima, autocarros desconjuntados, carroças puxadas à mão. Os mais variados produtos da terra, do mar e da criatividade humana ofereciam-se ali, desde chifres de rinoceronte e peixes dourados do Nilo, até armas de contrabando. Os membros do grupo separaram-se, combinando encontrar-se dentro de uma hora numa determinada esquina. Era mais fácil dizer que cumprir porque na barafunda e na confusão não era possível orientar-se. Receando que Nadia se perdesse ou que a atropelassem, Alexander deu-lhe a mão e foram juntos.

O mercado era uma amostra da variedade de raças e culturas africanas: nómadas do deserto; esbeltos cavaleiros nos seus cavalos engalanados; muçulmanos com turbantes elaborados

e meio rosto tapado; mulheres de olhos ardentes com desenhos azuis tatuados na cara; pastores nus de corpos decorados com barro vermelho e greda branca. Centenas de crianças corriam descalças entre matilhas de cães. As mulheres eram um espetáculo: algumas traziam na cabeça vistosos lenços, rígidos de goma, que de longe pareciam as velas de um barco; outras andavam com o crânio rapado e colares de contas dos ombros ao queixo; umas cobriam-se com metros e metros de tecidos em cores brilhantes; outras andavam quase nuas. O ar enchia-se de uma tagarelice incessante em várias línguas, música, risos, apitos, lamentos de animais que matavam ali mesmo. O sangue jorrava das mesas dos carnicheiros e desaparecia no pó do chão, enquanto aves pretas esvoaçavam a pouca altura, prontas para agarrar nas vísceras.

Alexander e Nadia passeavam maravilhados por aquela festa de cor, parando para regatear o preço de uma pulseira de contas de vidro, saborear um pastel de milho ou tirar uma fotografia com a câmara automática barata que tinham comprado à última hora no aeroporto. De repente foram de encontro a uma avestruz que estava amarrada pelas patas esperando a sua sorte. O animal — muito mais alto, forte e bravo do que imaginaram — observou-os de cima com infinito desdém e, sem aviso prévio, dobrou o longo pescoço e deu uma bicada a *Borobá*, que ia empoleirado na cabeça de Alexander, firmemente agarrado às suas orelhas. O macaco conseguiu esquivar o golpe mortal e pôs-se a guinchar como um louco. A avestruz, batendo as asas curtas, arremeteu contra eles até onde a corda que a prendia lhe permitia. Por acaso, Joel González apareceu nesse instante e pôde fixar com a máquina fotográfica a expressão de pavor de Alexander e do macaco, enquanto Nadia os defendia do atacante inesperado à palmada.

— Esta fotografia vai aparecer na capa da revista! — exclamou Joel.

Fugindo da altaneira avestruz, Nadia e Alexander dobraram uma esquina e, de repente, deram consigo na zona do mercado destinada à bruxaria. Havia feiticeiros de magia branca e de magia negra, adivinhos, fetichistas, curandeiros, envenenadores, exorcistas, sacerdotes de vudu, que ofereciam os seus serviços aos clientes sob uns toldos suspensos por quatro paus, para se protegerem do sol. Provinham de centenas de tribos e praticavam diversos cultos. Sem largarem as mãos, os amigos percorreram as ruelas, parando diante de animaizinhos em frascos de álcool e répteis dissecados; amuletos contra o mau-olhado e o mal de amores; ervas, loções e bálsamos medicinais para curar as doenças do corpo e da alma; pós para sonhar, para esquecer, para ressuscitar; animais vivos para sacrifícios; colares de proteção contra a inveja e a cobiça; tinta de sangue para escrever aos mortos, enfim... um imenso arsenal de objetos fantásticos para atenuar o medo de viver.

Nadia já tinha visto cerimónias de vudu no Brasil e estava mais ou menos familiarizada com os seus símbolos, mas para Alexander esta zona do mercado era um mundo fascinante. Pararam diante de uma barraca diferente das outras, com um teto cónico de palha de onde pendiam umas cortinas de plástico. Alexander inclinou-se para ver o que havia lá dentro e duas mãos poderosas agarraram-no pela roupa e puxaram-no para o interior.

Uma mulher enorme estava sentada no chão sob a cobertura. Era uma montanha de carne coroadada por um grande lenço cor de turquesa na cabeça. Vestia de amarelo e azul, com o peito coberto de contas coloridas. Apresentou-se como mensageira entre o mundo dos espíritos e o mundo material, adivinha e sacerdotisa vudu. No chão havia um tecido

pintado com desenhos a preto e branco; rodeavam-na várias figuras de deuses ou demónios de madeira, alguns molhados com sangue fresco de animais sacrificados, outros cheios de pregos, junto aos quais se viam oferendas de frutos, cereais, flores e dinheiro. A mulher fumava umas folhas pretas enroladas como um cilindro, cujo fumo espesso fez lacrimejar os jovens. Alexander tentou libertar-se das mãos que o imobilizavam, mas ela fixou-o com os seus olhos protuberantes, ao mesmo tempo que lançava um rugido profundo. O rapaz reconheceu a voz do seu animal totémico, aquela que ouvia em transe e emitia quando adotava a sua forma.

— É o jaguar negro! — exclamou Nadia ao seu lado.

A sacerdotisa obrigou o rapaz americano a sentar-se diante dela, tirou do decote um saco de couro muito velho e esvaziou o seu conteúdo em cima do tecido pintado. Eram umas conchas brancas, polidas pelo uso. Começou a mastigar alguma coisa no seu idioma, sem largar o cigarro, que segurava entre os dentes.

— *Anglais? English?* — perguntou Alexander.

— Vens de outro lado, de longe. O que queres de Ma Bangesé? — replicou ela, fazendo-se entender numa mistura de inglês e vocábulos africanos.

Alexander encolheu os ombros e sorriu nervosamente, olhando Nadia de soslaio para ver se ela entendia o que estava a acontecer.

A rapariga tirou do bolso algumas notas e colocou-as numa das cabaças, onde estavam as oferendas de dinheiro.

— Ma Bangesé pode ler o teu coração — disse a mulhe-
raça, dirigindo-se a Alexander.

— O que há no meu coração?

— Procuras remédio para curar uma mulher — disse ela.

— A minha mãe já não está doente, o cancro está em remis-
são... — murmurou Alexander, assustado, sem compreender

como uma feiticeira de um mercado em África poderia ter conhecimento de Lisa.

— De qualquer forma receias por ela — disse Ma Bangesé. Agitou as conchas numa mão e fê-las rodar como dados. — Não és dono da vida ou da morte dessa mulher — acrescentou.

— Viverá? — perguntou Alexander, ansioso.

— Se regressares, viverá. Se não regressares, morrerá de tristeza, mas não da doença.

— É evidente que voltarei à minha casa! — exclamou o jovem.

— Não tenhas a certeza. Há muito perigo, mas és corajoso. Deverás usar a tua coragem, caso contrário morrerás e esta menina morrerá contigo — declarou a mulher, apontando para Nadia.

— O que é que isso significa? — perguntou Alexander.

— Pode-se fazer o mal ou o bem. Não há recompensa por fazer o bem, só satisfação na tua alma. Às vezes, é preciso lutar. Tu terás de decidir.

— O que devo fazer?

— Ma Bangesé só vê o coração, não pode mostrar o caminho. E, voltando-se para Nadia, que se tinha sentado junto de Alexander, pôs-lhe um dedo na testa, entre os olhos.

— Tu és mágica e tens visão de pássaro, vês de cima, da distância. Podes ajudá-lo — disse.

Fechou os olhos e começou a balançar-se para a frente e para trás, enquanto o suor lhe escorria pela cara e pelo pescoço. O calor era insuportável. Até eles chegavam os cheiros do mercado: fruta podre, lixo, sangue, gasolina. Ma Bangesé emitiu um som gutural, vindo do ventre, um longo e rouco lamento que subiu de tom até estremecer o chão, como se proviesse do próprio fundo da terra. Enjoados e transpirando, Nadia

e Alexander recearam que as forças lhe faltassem. O ar do minúsculo recinto, cheio de fumo, tornou-se irrespirável. Cada vez mais atordoados, tentaram fugir mas não conseguiram mover-se. Foram sacudidos por uma vibração de tambores, ouviram câes a uivar, a boca encheu-se-lhes de saliva amarga e diante dos seus olhos incrédulos aquela mulher imensa reduziu-se a nada, como um balão que se esvazia e, no seu lugar, emergiu um pássaro fabuloso com uma magnífica plumagem amarela e azul com uma crista cor de turquesa, uma ave-do-paraíso que abriu o arco-íris das suas asas e os envolveu, elevando-se com eles.

Os amigos foram atirados para o espaço. Puderam ver-se a si próprios como dois traços de tinta preta perdidos num caleidoscópio de cores brilhantes e formas ondulantes que mudavam a uma velocidade aterradora. Transformaram-se em foguetes, os seus corpos desfizeram-se em faíscas, perderam a noção de estar vivos, do tempo e do medo. Depois, as faíscas juntaram-se num torvelinho elétrico e tornaram a ver-se como dois pontos minúsculos voando entre os desenhos daquele caleidoscópio fantástico. Agora eram dois astronautas de mão dada, flutuando no espaço sideral. Não sentiam os corpos, mas tinham uma vaga consciência do movimento e de estarem ligados. Aferraram-se a esse contacto, porque era a única manifestação da sua humanidade; de mãos dadas não estavam completamente perdidos.

Verde, estavam imersos num verde absoluto. Começaram a descer como flechas e, quando o choque parecia inevitável, a cor tornou-se difusa e, em vez de se despedaçarem, flutuaram como penas até abaixo, mergulhando numa vegetação absurda, numa flora de outro planeta, suave como algodão, quente e húmida. Transformaram-se em medusas transparentes, diluídas no vapor daquele lugar. Naquele estado gelatinoso, sem ossos que lhes dessem forma, forças para se defenderem ou

voz para chamarem, enfrentaram as imagens violentas que surgiram diante deles numa rápida sucessão, visões de morte, sangue, guerra e bosque arrasado. Uma procissão de espelhos acorrentados desfilou à sua frente, arrastando os pés entre carcaças de grandes animais. Viram canastros cheios de mãos humanas, crianças e mulheres em jaulas.

De repente voltaram a ser eles próprios, nos seus corpos de sempre e, nessa altura, surgiu diante deles, com a nitidez pavorosa dos piores pesadelos, um ameaçador ogre de três cabeças, um gigante com pele de crocodilo. As cabeças eram diferentes: uma com quatro chifres e uma hirsuta juba de leão; a segunda era calva, sem olhos e deitava fogo pelas ventas; a terceira era um crânio de leopardo com caninos ensanguentados e umas pupilas ardentes de demónio. As três tinham as fauces abertas e línguas de iguana. As garras descomunais do monstro moveram-se pesadamente tentando alcançá-los, os seus olhos hipnóticos cravaram-se neles, os três focinhos cuspiram uma saliva densa e peçonhenta. Os jovens evitaram repetidamente as palmadas ferozes, sem conseguirem fugir porque estavam presos num lodaçal de pesadelo. Esquivaram-se ao monstro por um tempo infinito até se virem, de súbito, com lanças nas mãos e, desesperados, começaram a defender-se às cegas. Quando venciam uma das cabeças, as outras duas arremetiam e, se conseguiam fazê-las retroceder, a primeira voltava ao ataque. As lanças partiram-se no combate. Então, no instante final, quando iam ser devorados, reagiram com um esforço sobre-humano e transformaram-se nos seus animais totémicos: Alexander no jaguar e Nadia na águia. Mas, diante daquele inimigo formidável, de nada serviam a ferocidade do primeiro e as asas do segundo... Os gritos deles perderam-se entre os bramidos do ogre.

— Nadia! Alexander!

A voz de Kate Cold trouxe-os de volta ao mundo conhecido e viram-se novamente sentados na mesma posição em que tinham iniciado aquela viagem alucinante, no mercado africano, sob o teto de palha, diante da enorme mulher vestida de amarelo e azul.

— Ouvimo-los gritar. Quem é esta mulher? O que aconteceu? — perguntou a avó.

— Nada, Kate, não aconteceu nada — conseguiu articular Alexander, cambaleando.

Não conseguiu explicar à avó o que acabavam de passar. A voz profunda de Ma Bangesé pareceu chegar-lhes vinda da dimensão dos sonhos.

— Cuidado! — avisou-os a adivinha.

— O que lhes aconteceu? — repetiu Kate.

— Vimos um monstro de três cabeças. Era invencível... — murmurou Nadia, ainda atordoada.

— Não se separem. Juntos podem salvar-se, separados morrerão — disse Ma Bangesé.

Na manhã seguinte, o grupo da *International Geographic* viajou numa avioneta até à reserva natural, onde os aguardava Michael Mushaha e o safari em elefante. Alexander e Nadia ainda se encontravam sob o impacto da experiência do mercado. Alexander concluiu que o fumo do tabaco da feiticeira continha uma droga, mas isso não explicava o facto de ambos terem tido exactamente as mesmas visões. Nadia não tentou racionalizar o assunto; para ela aquela viagem horrível era uma fonte de informações, uma forma de aprender, como se aprende nos sonhos. As imagens permaneceram nítidas na sua memória; tinha a certeza de que teria de recorrer a elas nalguma ocasião.

A avioneta era pilotada pela sua proprietária, Angie Ninderera, uma mulher aventureira e de uma energia contagiante, que aproveitou o voo para dar algumas voltas extra e mostrar-lhes

a beleza majestosa da paisagem. Uma hora mais tarde, aterram num descampado a algumas milhas do acampamento de Mushaha.

As modernas instalações do safari defraudaram Kate, que esperava uma coisa mais rústica. Vários empregados africanos, amáveis e eficientes, com uniforme caqui e *walkie-talkies*, recebiam os turistas e ocupavam-se dos elefantes. Havia várias tendas, tão amplas como suites de hotel, e algumas precárias construções de madeira, respeitantes a áreas comuns e a cozinhas. Mosquiteiros brancos estavam suspensos sobre as camas, os móveis eram de bambu e havia peles de zebra e de antílope a fazer de tapetes. As casas de banho dispunham de latrinas e de uns duches engenhosos de água morna. Tinham também um gerador de eletricidade, que funcionava das sete às dez da noite, o resto do tempo arranjavam-se com velas e candeeiros a petróleo. A comida, a cargo de dois cozinheiros, era tão saborosa que até Alexander, que por princípio rejeitava qualquer prato cujo nome não soubesse soletrar, a devorava. Concluindo, o acampamento era mais elegante que a maior parte dos lugares onde Kate tivera de dormir na sua profissão de viajante e escritora. A avó decidiu que isso tirava pontos ao safari e que não deixaria de o criticar no seu artigo.

Tocava uma campainha às 5h45 da manhã para aproveitarem as horas mais frescas do dia, mas acordavam antes com o som inconfundível dos bandos de morcegos que regressavam aos seus refúgios com o anúncio do primeiro raio de sol, depois de terem voado a noite inteira. A essa hora, o cheiro a café acabado de fazer já impregnava o ar. Os visitantes abriam as suas tendas e saíam para esticar as pernas, enquanto o sol incomparável de África, um grandioso círculo de fogo que enchia o horizonte, se elevava no céu. À luz da madrugada a paisagem reverberava,

parecia que, a qualquer momento, a terra, envolta numa bruma avermelhada, se apagaria até desaparecer, como uma miragem.

Depressa o acampamento fervilhava de atividade, os cozinheiros chamavam para a mesa e Michael Mushaha dava as primeiras ordens. Depois do pequeno-almoço reunia-os para dar uma pequena conferência acerca dos animais, dos pássaros e da vegetação que veriam durante o dia. Timothy Bruce e Joel González preparavam as suas máquinas fotográficas e os empregados traziam os elefantes.

Acompanhava-os um bebé elefante de dois anos, que trotava alegremente ao pé da mãe, o único a quem de vez em quando tinham de recordar o caminho porque se distraía soprando borboletas ou tomando banho nas poças e nos rios.

Em cima dos elefantes, o panorama era soberbo. Os grandes paquidermes deslocavam-se sem ruído, confundidos com a natureza. Avançavam com uma calma pesada, mas faziam, sem esforço, muitas milhas em pouco tempo. Nenhum deles, exceto o bebé, tinha nascido em cativeiro; eram animais selvagens e, portanto, imprevisíveis. Michael Mushaha avisou-os de que tinham de respeitar as normas, caso contrário não seria possível garantir-lhes segurança. A única do grupo que costumava violar o regulamento era Nadia Santos, que desde o primeiro dia estabeleceu uma relação tão especial com os elefantes que o diretor do safari optou por fazer de conta que não via.

Os visitantes passavam a manhã percorrendo a reserva. Entendiam-se por gestos, sem falar, para não serem detetados pelos outros animais. Mushaha abria a coluna, montado no macho mais velho da manada; atrás iam Kate e os fotógrafos sobre as fêmeas, uma delas a mãe do elefante bebé; seguiam depois Alexander, Nadia e *Borobá*, montados em *Kobi*. Fechavam a coluna dois empregados do safari, montados em machos jovens, com as provisões, os toldos para a sesta e parte do

equipamento fotográfico. Levavam também um poderoso anestésico para disparar, caso se vissem frente a uma fera agressiva.

Os paquidermes costumavam parar para comer folhas das mesmas árvores sob as quais, momentos antes, descansava uma família de leões. Outras vezes passavam tão perto dos rinocerontes que Alexander e Nadia podiam ver-se refletidos no olho redondo que, de baixo, os examinava com desconfiança. As manadas de búfalos e de impalas não se alteravam com a chegada do grupo; talvez cheirassem os seres humanos, mas a presença poderosa dos elefantes desorientava-os. Puderam passear entre as tímidas zebras, fotografar de perto uma matilha de hienas disputando a carniça de um antílope e acariciar o pescoço de uma girafa, enquanto ela os observava com olhos de princesa e lhes lambia as mãos.

— Dentro de alguns anos não haverá animais selvagens livres em África, só poderão ser vistos em parques e reservas — lamentou-se Michael Mushaha.

Paravam ao meio-dia sob a proteção das árvores, almoçavam o conteúdo de uns canastos e descansavam à sombra até às quatro ou cinco da tarde. À hora da sesta, os animais selvagens descansavam e a extensa planície da reserva ficava imóvel sob o sol ardente. Michael Mushaha conhecia o terreno, sabia calcular bem o tempo e a distância; quando o disco imenso do sol começava a descer já estavam perto do acampamento e podiam ver o fumo. Às vezes, à noite, saíam novamente para ver os animais que iam ao rio beber.

CAPÍTULO 2

Safari em elefante

Um bando de meia dúzia de mandris tinha conseguido demolir as instalações. As tendas jaziam pelo chão, havia farinha, mandioca, arroz, feijão e potes de conserva atirados por toda a parte, os sacos-cama despedaçados pendiam das árvores, cadeiras e mesas partidas amontoavam-se pelo pátio. Parecia que o acampamento fora varrido por um tufão. Os mandris, encabeçados por um mais agressivo que os outros, tinham-se apoderado das panelas e frigideiras e usavam-nas como mocas para se baterem uns aos outros e atacar quem quer que tentasse aproximar-se.

— O que lhes aconteceu? — perguntou Michael Mushaha.

— Receio que estejam um pouco bêbedos... — explicou um dos empregados.

Os macacos rondavam sempre o acampamento, prontos para se apoderarem do que pudessem pôr à boca. À noite metiam-se no lixo e, se não se fechassem bem as provisões, roubavam-nas. Não eram simpáticos, mostravam os dentes e grunhiam, mas tinham respeito pelos humanos e mantinham-se a uma distância prudente. Este assalto era inusitado.

Face à impossibilidade de dominá-los, Mushaha ordenou que lhes disparassem anestésico, mas acertar no alvo não foi fácil porque corriam e saltavam como demónios. Por fim, um por um, os mandris receberam a picada do tranquilizante

e foram caindo por terra. Alexander e Timothy Bruce ajudaram a levantá-los pelos tornozelos e pelos pulsos e a depositá-los a duzentos metros do acampamento, onde roncariam sem ser incomodados até o efeito da droga passar. Os corpos pedregosos e malcheirosos pesavam muito mais do que o seu tamanho fazia prever. Alexander, Timothy e os empregados que lhes tocaram tiveram de tomar duche, lavar a roupa e pulverizar-se com inseticida para se livrarem das pulgas.

Enquanto o pessoal do safari tentava dar alguma ordem àquela confusão, Michael Mushaha averiguou o que tinha acontecido. Num descuido de um dos encarregados, um mandril meteu-se na tenda de Kate e Nadia, onde a primeira tinha a sua reserva de garrafas de *vodka*. Os símios conseguiam cheirar o álcool à distância, mesmo com as embalagens fechadas. O babuíno roubou uma garrafa, quebrou o gargalo e partilhou o conteúdo com os amigos. Ao segundo gole embriagaram-se e ao terceiro atiraram-se contra o acampamento como uma horda de piratas.

— Preciso do meu *vodka* para as dores nos ossos — queixou-se Kate, calculando que teria de guardar como ouro as poucas garrafas que ainda tinha.

— Não pode arranjar-se com aspirina? — sugeriu Mushaha.

— Os comprimidos são veneno! Eu só utilizo produtos naturais! — exclamou a escritora.

Uma vez dominados os mandris e com o acampamento novamente organizado, alguém reparou que Timothy Bruce tinha a camisa ensanguentada. Com a sua tradicional indiferença, o inglês admitiu que tinha sido mordido.

— Parece que um daqueles rapazes não estava totalmente adormecido — disse, em jeito de explicação.

— Deixe-me ver — exigiu Mushaha.

Bruce levantou a sobrelha esquerda. Era a única

expressão do seu impassível rosto de cavalo e usava-a para expressar qualquer uma das três emoções que era capaz de sentir: surpresa, dúvida e aborrecimento. Neste caso era a última porque detestava qualquer tipo de alvoroço, mas Mushaha insistiu e ele não teve alternativa senão arregaçar a manga. A dentada já não sangrava, tinha crostas secas nos sítios onde os dentes tinham perfurado a pele, mas o antebraço estava inchado.

— Estes macacos são portadores de doenças. Vou injetar-lhe um antibiótico, mas é melhor ser visto por um médico — anunciou Mushaha.

A sobrancelha esquerda de Bruce subiu até meio da testa: definitivamente havia demasiado alvoroço.

Michael Mushaha chamou Angie Ninderera pelo rádio e explicou-lhe a situação. A jovem piloto respondeu que não podia voar de noite, mas chegaria no dia seguinte, cedo, para ir buscar Bruce e levá-lo à capital, Nairobi. O diretor do safari não pôde evitar um sorriso: a dentada do mandril oferecia-lhe uma oportunidade inesperada de ver Angie, por quem sentia uma inconfessável fraqueza.

À noite, Bruce tiritava de febre e Mushaha não tinha a certeza se seria por causa da ferida ou de um súbito ataque de malária mas, de qualquer forma, estava preocupado, porque o bem-estar dos turistas era sua responsabilidade.

Um grupo de nómadas masai, que costumava atravessar a reserva, apareceu no acampamento a meio da tarde conduzindo as suas vacas de grandes chifres. Eram muito altos, magros, bonitos e arrogantes; enfeitavam-se com complicados colares de contas no pescoço e na cabeça; vestiam-se com panos amarrados à cintura e levavam lanças. Julgavam ser o povo escolhido de Deus; a terra e o que esta continha pertenciam-lhes por graça divina. Isso dava-lhes o direito de se apropriarem do

gado alheio, um costume que era muito mal visto pelas outras tribos. Como Mushaha não possuía gado, não receava que o roubassem. O acordo com eles era claro: dava-lhes hospitalidade quando passassem pela reserva, mas não podiam tocar num pelo dos animais selvagens.

Como sempre, Mushaha ofereceu-lhes comida e convidou-os a ficar. A tribo não gostava da companhia de estrangeiros, mas aceitou porque uma das suas crianças estava doente. Esperavam por uma curandeira, que vinha a caminho. A mulher era famosa na região, percorria distâncias enormes para curar os seus pacientes com ervas e com a força da fé. A tribo não podia comunicar com ela por meios modernos mas inteirou-se de alguma forma de que ela chegaria nessa noite, por isso ficou nos domínios de Mushaha. E, tal como supunham, ao pôr do sol ouviram o repicar longínquo das campainhas e dos amuletos da curandeira.

Uma figura esquelética, descalça e miserável surgiu entre o pó avermelhado do entardecer. Vestia apenas uma saia curta de trapo e a sua bagagem consistia numa cabaça, sacos com amuletos, medicamentos e paus mágicos, coroados de penas. Usava o cabelo, que nunca fora cortado, em longos rolos empastados de barro vermelho. Parecia muito velha, a pele pendia-lhe em pregas sobre os ossos, mas andava erguida e tinha braços e pernas fortes. A cura do paciente foi levada a cabo a poucos metros do acampamento.

— A curandeira diz que o espírito de um antepassado ofendido entrou no menino. Tem de o identificar e de o mandar de volta para o outro mundo, onde pertence — explicou Michael Mushaha.

Joel González riu-se, a ideia de que uma coisa dessas ainda se passasse no século XXI pareceu-lhe divertida.

— Não troce, homem. Em oitenta por cento dos casos, o doente melhora — disse-lhe Mushaha.

Acrescentou que numa ocasião viu duas pessoas a rebo-lar pelo chão, mordendo-se, deitando espuma pela boca, grunhindo e ladrando. Segundo os seus familiares, tinham sido possuídas por hienas. Essa mesma curandeira curara-as.

— Isso chama-se histeria — alegou Joel.

— Chame-lhe o que quiser, mas o facto é que se curaram com uma cerimónia. A medicina ocidental raras vezes obtém o mesmo resultado com as suas drogas e choques eléctricos — sorriu Mushaha.

— Vamos, Michael, você é um cientista educado em Londres, não me diga que...

— Acima de tudo, sou africano — interrompeu-o o naturalista. — Em África, os médicos compreenderam que, em vez de ridicularizar os curandeiros, devem trabalhar com eles. Às vezes, a magia dá melhores resultados que os métodos trazidos do estrangeiro. As pessoas crescem com ela, por isso funciona. A sugestão faz milagres. Não despreze os nossos feiticeiros.

Kate Cold dispôs-se a tomar notas sobre a cerimónia e Joel González, envergonhado por se ter rido, preparou a sua máquina para a fotografar.

Colocaram o menino despido sobre uma manta no chão, rodeado pelos membros da sua numerosa família. A velhota começou a bater os seus paus mágicos e a fazer barulho com as cabaças, dançando em círculos, enquanto entoava um cântico, que rapidamente foi cantado em coro pela tribo. Passado pouco tempo entrou num transe, o corpo estremecia-lhe e os olhos voltaram-se para cima e ficaram brancos. Entretanto o menino no chão ficou rígido, arqueou o corpo para trás e ficou apoiado apenas na nuca e nos calcanhares.

Nadia sentiu a energia como uma corrente elétrica e, sem pensar, impelida por uma emoção desconhecida, juntou-se ao cântico e à dança frenética dos nômadas. A cura demorou várias horas, durante as quais a velha feiticeira absorveu o espírito maligno que se tinha apoderado da criança e incorporou-o ao seu próprio corpo, conforme explicou Mushaha. Finalmente o pequeno paciente perdeu a rigidez e pôs-se a chorar, o que foi interpretado como sinal de saúde. A mãe pegou-o ao colo e começou a baloiçá-lo e a beijá-lo, diante da alegria dos outros.

Passados uns vinte minutos, a feiticeira saiu do transe e anunciou que o paciente estava livre do mal e que, a partir dessa mesma noite, podia comer normalmente. Os pais, pelo contrário, deviam jejuar três dias para se reconciliarem com o espírito expulso. Como único alimento e recompensa, a velhota aceitou uma cabaça com uma mistura de leite azedo e sangue fresco, que os pastores masai obtinham através de um pequeno corte no pescoço das vacas. Depois retirou-se para descansar antes de realizar a segunda parte do seu trabalho: tirar o espírito que estava agora dentro dela e mandá-lo para o Além, onde pertencia. A tribo, agradecida, foi passar a noite mais longe.

— Se este sistema é tão eficaz, poderíamos pedir a esta boa senhora que visse Timothy — sugeriu Alexander.

— Isto não funciona sem fé — replicou Mushaha. — Além disso, a curandeira está extenuada, tem de repor a sua energia antes de atender outro paciente.

De modo que o fotógrafo inglês continuou a tiritar de febre na sua cama durante o resto da noite, enquanto, sob as estrelas, o menino africano desfrutava da sua primeira refeição da semana.

Angie Ninderera apareceu no safari no dia seguinte, tal como tinha prometido a Mushaha na comunicação pelo rádio. Viram o avião no ar e foram buscá-la num *Land Rover* ao sítio

onde aterrava sempre. Joel González queria acompanhar o seu amigo Timothy ao hospital, mas Kate recordou-lhe que alguém teria de tirar fotografias para o artigo da revista.

Enquanto metiam gasolina no avião e preparavam o doente e a sua bagagem, Angie sentou-se sob um toldo para saborear uma chávena de café e descansar. Era uma africana de pele cor de café, saudável, alta, robusta e risonha, de idade indefinida, podia ter entre vinte e cinco a quarenta anos. O seu riso fácil e a sua beleza fresca cativavam desde o primeiro olhar. Contou que tinha nascido no Botswana e que aprendera a pilotar aviões em Cuba, onde esteve a estudar com uma bolsa de estudos. Pouco antes de morrer, o pai vendeu o rancho e o gado que possuía para lhe dar um dote, mas em vez de usar o capital para arranjar um marido respeitável, como o pai desejava, utilizou-o para comprar o seu primeiro avião. Angie era um pássaro livre, sem ninho em parte alguma. O trabalho levava-a de um lado para outro, um dia levava vacinas para o Zaire, no dia seguinte transportava atores e técnicos para um filme de aventuras nas planícies de Serengueti, ou um grupo de audazes alpinistas para os pés do lendário monte Kilimanjaro. Gabava-se de possuir a força de um búfalo e, para o demonstrar, apostava lutando braço a braço contra qualquer homem que se atrevesse a aceitar o desafio. Tinha nascido com um sinal em forma de estrela nas costas, sinal de boa sorte, segundo ela. Graças a essa estrela tinha sobrevivido a inúmeras aventuras. Uma vez esteve prestes a ser executada à pedrada por uma turba no Sudão; noutra ocasião andou perdida cinco dias no deserto da Etiópia, só, a pé, sem comida e apenas com uma garrafa de água. Mas nada se comparava àquela vez em que teve de saltar de paraquedas e caiu num rio cheio de crocodilos.

— Isso foi antes de ter o meu *Cessna Caravan*, que nunca

falha — apressou-se a esclarecer quando contou a história aos seus clientes da *International Geographic*.

— E como escapou com vida? — perguntou Alexander.

— Os crocodilos entretiveram-se a mastigar o tecido do paraquedas e isso deu-me tempo de nadar até à margem e sair dali a correr. Livrei-me dessa vez, mas, mais cedo ou mais tarde, vou morrer devorada por crocodilos, é o meu destino...

— Como sabe? — inquiriu Nadia.

— Porque me disse uma adivinha que consegue ver o futuro. Ma Bangesé tem fama de nunca se enganar — replicou Angie.

— Ma Bangesé? Uma senhora gorda que tem uma barraca no mercado? — interrompeu Alexander.

— A própria. Não é gorda, é forte — esclareceu Angie, que era um pouco suscetível a respeito de peso.

Alexander e Nadia entreolharam-se, surpreendidos com aquela estranha coincidência.

Apesar do seu volume considerável e do seu relacionamento um pouco brusco, Angie era bastante vaidosa. Vestia-se com túnicas floridas, enfeitava-se com pesadas joias étnicas adquiridas nas feiras de artesanato e costumava pintar os lábios com um cor-de-rosa berrante. Ostentava um penteado elaborado com dezenas de tranças salpicadas de contas coloridas. Dizia que a sua área de trabalho era terrível para as mãos e não estava disposta a permitir que as suas se transformassem nas de um mecânico. Usava as unhas compridas e pintadas e, para proteger a pele, esfregava gordura de tartaruga, que considerava milagrosa. O facto de as tartarugas serem enrugadas não diminuía a sua confiança no produto.

— Conheço vários homens apaixonados por Angie — comentou Mushaha, mas absteve-se de dizer que ele era um deles.

Ela piscou-lhe um olho e explicou que nunca se casaria porque tinha o coração partido. Apaixonara-se uma única

vez na vida por um guerreiro masai que tinha cinco mulheres e dezanove filhos.

— Tinha os ossos grandes e olhos de âmbar — disse Angie.

— E o que aconteceu...? — perguntaram em uníssono Nadia e Alexander.

— Não quis casar-se comigo — concluiu ela com um suspiro trágico.

— Que homem tão tonto! — riu-se Michael Mushaha.

— Eu tinha mais dez anos e quinze quilos que ele — explicou Angie.

A piloto acabou o seu café e preparou-se para partir. Os amigos despediram-se de Timothy Bruce, a quem a febre da noite anterior tinha enfraquecido tanto que nem sequer teve forças para levantar a sobrancelha esquerda.

Os últimos dias do safari, desfrutando das excursões em elefante, decorreram com enorme rapidez. Voltaram a ver a pequena tribo nómada e comprovaram que o menino estava curado. Ao mesmo tempo ficaram a saber pelo rádio que Timothy Bruce continuava no hospital com uma combinação de malária e mordedura de mandril infetada, rebelde aos antibióticos.

Angie Ninderera foi buscá-los na tarde do terceiro dia e ficou a dormir no acampamento, para sair cedo no dia seguinte. Desde o princípio fez amizade com Kate Cold; as duas eram boas bebedoras — Angie de cerveja e Kate de *vodka* — e ambas dispunham de um nutrido arsenal de histórias arrepiantes para encantar os seus ouvintes. Nessa noite, quando o grupo estava sentado em círculo em volta da fogueira, apreciando o assado de antílope e outras delícias preparadas pelos cozinheiros, as duas mulheres disputavam a palavra para deslumbrar o auditório com as suas aventuras. Até *Borobá* ouvia as

histórias com interesse. O macaquinho repartia o seu tempo entre os humanos, a cuja companhia estava habituado, a vigiar *Kobi* e a brincar com uma família de três chimpanzés pigmeus, adotados por Michael Mushaha.

— São vinte por cento mais pequenos e muito mais pacíficos que os chimpanzés normais — explicou Mushaha. — Entre eles, são as fêmeas que mandam. Isso significa que têm melhor qualidade de vida, que há menos concorrência e mais colaboração; nesta comunidade come-se e dorme-se bem, as crias estão protegidas e o grupo vive contente. Não é como outros macacos em que os machos formam fações e não fazem outra coisa senão lutar.

— Oxalá fosse assim entre os humanos! — suspirou Kate.

— Estes animaizinhos são muito parecidos connosco: partilhamos grande parte do nosso material genético, até o crânio é parecido com o nosso. Temos, com certeza, um antepassado comum — disse Michael Mushaha.

— Nesse caso, há esperança de evoluirmos como eles — acrescentou Kate.

Angie fumava cigarros que, segundo ela, constituíam o seu único luxo, e orgulhava-se do pivete do seu avião.

— Quem não gostar do cheiro a cigarro, que vá a pé — costumava dizer aos clientes que se queixavam. Como fumadora arrependida, Kate Cold seguia com olhos ávidos a mão da sua nova amiga. Tinha deixado de fumar há mais de um ano, mas a vontade de o fazer ainda não tinha desaparecido e, ao ver as idas e vindas do cigarro de Angie, tinha vontade de chorar. Tirou do bolso o seu cachimbo vazio, que trazia sempre consigo para esses momentos desesperados, e pôs-se a trincá-lo com tristeza. Tinha de admitir que curara aquela tosse de tuberculosa que antes não a deixava respirar. Atribuía-o ao chá com *vodka* e a uns pós que Walimai, o xamã do Amazonas, amigo de

Nadia, lhe tinha dado. O seu neto, Alexander, atribuía o milagre a um amuleto de excremento de dragão, presente do rei Dil Bahadur do Reino Proibido, de cujos poderes mágicos estava convencido. Kate não sabia o que pensar do neto, antigamente tão racional e agora propenso à fantasia. A amizade com Nadia mudara-o. Alex tinha tanta confiança naquele fóssil, que triturou alguns gramas até os transformar em pó, dissolveu-o em licor de arroz e obrigou a mãe a bebê-lo para combater o cancro. Lisa teve de usar o resto do fóssil pendurado ao pescoço durante meses. Agora era Alexander quem o usava e não o tirava nem para tomar banho.

— Pode curar ossos partidos e outros males, Kate; também serve para desviar flechas, facas e balas — garantiu-lhe o neto.

— No teu lugar, eu não o poria à prova — replicou ela, secamente, mas permitiu, contrariada, que ele lhe esfregasse o peito e as costas com o excremento de dragão, enquanto resmungava para si própria que estavam ambos a perder o juízo.

Nessa noite, em volta da fogueira do acampamento, Kate Cold e o seu grupo lamentavam ter de se despedir dos seus novos amigos e daquele paraíso, onde tinham passado uma semana inesquecível.

— Será bom partir, quero ver Timothy — disse Joel González para se consolar.

— Amanhã partiremos por volta das nove — avisou-os Angie, emborcando meia caneca de cerveja e aspirando o seu cigarro.

— Pareces cansada, Angie — insinuou Mushaha.

— Os últimos dias foram pesados. Tive de levar alimentos ao outro lado da fronteira, onde as pessoas estão desesperadas; é horrível ver a fome cara a cara — disse ela.

— Aquela tribo é de uma raça muito nobre. Antes viviam

com dignidade da pesca, da caça e das suas culturas, mas a colonização, as guerras e as doenças reduziram-nos à miséria. Agora vivem da caridade. Se não fossem aqueles pacotes de comida que recebem, já teriam morrido todos. Metade dos habitantes de África sobrevive abaixo do nível mínimo de pobreza — explicou Michael Mushaha.

— O que significa isso? — perguntou Nadia.

— Que não têm o suficiente para viver.

Com esta afirmação o guia pôs ponto final à refeição, que já se alongava para além da meia-noite e anunciou que eram horas de se retirarem para as tendas. Uma hora mais tarde, reinava a paz no acampamento.

Durante a noite só ficava de guarda um empregado que vigiava e alimentava as fogueiras, mas algum tempo depois também ele foi vencido pelo sono. Enquanto se descansava no acampamento, nos arredores fervilhava a vida; sob o grandioso céu estrelado rondavam centenas de espécies animais que a essa hora saíam em busca de alimento e de água. A noite africana era um verdadeiro concerto de vozes variadas: o bramido ocasional dos elefantes, latidos longínquos das hienas, guinchos de mandris assustados com algum leopardo, coaxar de sapos, canto de cigarras.

Pouco antes do amanhecer, Kate acordou sobressaltada porque julgou ter ouvido um ruído muito próximo.

— Devo ter sonhado — murmurou, dando meia-volta na cama. Tentou calcular quanto tempo tinha dormido. Os ossos rangiam-lhe, doíam-lhe os músculos, tinha câibras. Pesavam-lhe os seus sessenta e sete anos bem vividos; tinha o esqueleto moído pelas excursões.

— Estou muito velha para este estilo de vida... — pensou a escritora, mas imediatamente se arrependeu, convencida de

que não valia a pena viver de nenhuma outra maneira. Sofria mais com a imobilidade da noite que com a fadiga do dia; as horas dentro da tenda passavam com uma lentidão angustiante. Nesse instante voltou a ouvir o ruído que a tinha acordado. Não conseguiu identificá-lo, mas pareceram-lhe coçadelas ou arranhadelas.

As últimas brumas do sono dissiparam-se por completo e Kate levantou-se da cama, com a garganta seca e o coração agitado. Não havia dúvidas, estava alguma coisa ali, muito perto, separado apenas pelo tecido da tenda. Com muito cuidado, para não fazer barulho, tateou na escuridão procurando a lanterna, que deixava sempre ao pé. Assim que a teve na mão deu-se conta de que transpirava de medo, não conseguiu ligá-la com as mãos húmidas. Ia tentar novamente, quando ouviu a voz de Nadia, que partilhava a tenda com ela.

— Shhh, Kate, não acendas a luz... — sussurrou a rapariga.

— O que se passa?

— São leões, não os assustes — disse Nadia.

A escritora deixou cair a lanterna que tinha na mão. Sentiu os ossos moles como pudim e um grito visceral ficou-lhe atravessado na garganta. Um único arranhão das garras de um leão rasgaria o tecido fino de *nylon* e o felino cairia em cima delas. Não seria a primeira vez que um turista morria assim num safari. Durante as excursões, tinha visto leões de tão perto que conseguiu contar-lhes os dentes. Decidiu que não gostaria de os sentir na sua própria carne. Passou fugazmente pela sua cabeça a imagem dos primeiros cristãos no coliseu romano, condenados a morrer devorados por aquelas feras. O suor escorria-lhe pela cara enquanto procurava a lanterna no chão, presa na rede do mosquiteiro que pendia da enxerga. Ouviu um ronronar de gato grande e novas arranhadelas.

Desta vez a tenda estremeceu, como se lhe tivesse caído

uma árvore em cima. Aterrada, Kate conseguiu dar-se conta de que Nadia também emitia um ruído de gato. Finalmente encontrou a lanterna e os seus dedos trémulos e molhados conseguiram acendê-la. Nessa altura viu a rapariga de cócoras, com a cara muito perto do tecido da tenda, num ronronar embevecido com a fera que estava do outro lado. O grito embargado no íntimo de Kate saiu transformado num alarido terrível, que apanhou Nadia de surpresa e a fez cair de costas. A garra de Kate agarrou a jovem pelo braço e começou a puxá-la. Novos gritos, acompanhados desta vez por pavorosos rugidos de leões, quebraram a quietude do acampamento.

Em poucos segundos, empregados e visitantes estavam cá fora, apesar das instruções precisas de Michael Mushaha, que os avisara milhares de vezes dos perigos de sair das tendas durante a noite. Aos puxões, Kate conseguiu arrastar Nadia para fora, enquanto a rapariga esperneava tentando libertar-se. Meia tenda desmoronou-se durante a algazarra e um dos mosquiteiros soltou-se e caiu-lhe em cima, envolvendo-as; pareciam duas larvas lutando para sair do casulo. Alexander, o primeiro a chegar, correu até lá e tentou soltá-las do mosquiteiro. Uma vez livre, Nadia empurrou-o, furiosa porque tinham interrompido de uma forma brutal a sua conversa com os leões.

Entretanto, Mushaha disparou para o ar e os rugidos das feras afastaram-se. Os empregados acenderam alguns candeeiros, empunharam as suas armas e foram explorar os arredores. Por essa altura já os elefantes se tinham alvoroçado e os tratadores tentavam acalmá-los antes que estes desatassem a correr dos currais e arremetessem contra o acampamento. Frenéticos pelo cheiro dos leões, os três chimpanzés pigmeus guinchavam e penduravam-se ao primeiro que passasse por perto. Entretanto, *Borobá* empoleirara-se na cabeça de Alexander, que tentava inutilmente tirá-lo de cima puxando-o pela

cauda. Naquela confusão, ninguém compreendia o que tinha acontecido.

Joel González saiu a gritar espavorido.

— Serpentes! Um pitão!

— São leões! — corrigiu Kate.

Joel parou de repente, desorientado.

— Não são cobras? — hesitou.

— Não, são leões! — repetiu Kate.

— E por que me acordaram? — resmungou o fotógrafo.

— Cubra as vergonhas, homem, pelo amor de Deus! — troçou Angie Ninderera, que apareceu de pijama.

Só nessa altura Joel González se deu conta de que estava completamente nu; retrocedeu até à sua tenda, tapando-se com as duas mãos.

Michael Mushaha regressou pouco depois com a notícia de que havia pegadas de diversos leões nos arredores e de que a tenda de Kate e Nadia estava rasgada.

— Esta é a primeira vez que acontece uma coisa destas no acampamento. Aqueles animais nunca nos tinham atacado — comentou, preocupado.

— Não nos atacaram! — interrompeu-o Nadia.

— Ah! Nesse caso foi uma visita de cortesia! — exclamou Kate, indignada.

— Vieram cumprimentar! Se não te pusesses a guinchar, Kate, ainda estaríamos a conversar!

Nadia deu meia-volta e refugiou-se na tenda, para onde teve de entrar arrastando-se, porque restavam apenas duas esquinas de pé.

— Não façam caso, é a adolescência. Há de passar, toda a gente se cura disso — opinou Joel González, que tinha reaparecido embrulhado numa toalha.

Os restantes ficaram a comentar o assunto e já ninguém

conseguiu dormir. Atiçaram as fogueiras e mantiveram os candeeiros acesos. *Borobá* e os três chimpanzés pigmeus, ainda mortos de medo, instalaram-se o mais longe possível da tenda de Nadia, onde permanecia o cheiro das feras. Pouco depois, ouviu-se o esvoaçar dos morcegos anunciando a madrugada e os cozinheiros começaram a coar o café e a preparar os ovos com toucinho do pequeno-almoço.

— Nunca te tinha visto tão nervosa. Estás a amolecer com a idade, avó — disse Alexander, passando a primeira chávena de café a Kate.

— Não me chames avó, Alexander.

— E tu não me chames Alexander; o meu nome é *Jaguar*, pelo menos para a família e para os amigos.

— Bah! Deixa-me em paz, fedelho! — replicou ela, queimando os lábios com o primeiro gole do líquido fumegante.